

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

NILMA FERNANDES DE MIRANDA

ACESSO URBANO E CIDADANIA:

Um estudo sobre os portadores de deficiência física em Uberlândia

"Monografia apresentada pela graduanda Nilma Fernandes de Miranda sob orientação do Prof Dr. Hérmertes Reis de Araújo no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como pré requisito para titulação em História"

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COHIS  
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)  
AV UNIVERSITÁRIA S/N.º  
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

Uberlândia  
2.000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COHIS  
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)  
AV UNIVERSITÁRIA S/N.º  
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

1531  
1378

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM  
1534 S.A  
e

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientador: Prof. Dr. Hermetes Reis Araújo

---

Professora convidada: CRISTINA LOPREATTO

---

Professora convidada: JACY ALVES DE SEIXAS

*“Não há derrota que derrote quem nasceu para vencer”*

Elza Soares

## AGRADECIMENTO:

“Agradeço, primeiramente à Deus, que de maneira ímpar me fortaleceu durante todos os momentos de minha vida; aos meus familiares, que sempre estiveram prontos a me auxiliar e; aos meus amigos, que recuso-me citar nomes, temendo ser injusta com algum que por ventura esquecesse de mencionar, e a **Maria**, que gentilmente me auxiliou na construção deste trabalho através de entrevista concedida ...”

## SUMÁRIO:

Introdução.....	06
I – Depoimento de perseverança.....	13
II – APARU e o programa "Sem Barreiras".....	23
III – O papel do historiador na interpretação de temas contemporâneos.....	32
Considerações Finais.....	34
Referências Bibliográficas.....	38

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º

Data / /

## INTRODUÇÃO:

A maioria das pessoas tem uma vida comum, levanta cedo, se arruma, toma café, e sai para trabalhar. Almoça e retorna ao trabalho. À tarde pega um ônibus lotado e vai para o curso que está fazendo para melhorar de emprego e de salário.

À noite, cansadas, jantam com a família e vão para a cama. No dia seguinte, começam tudo novamente. Enfim, essa é a rotina da maioria das pessoas, o cotidiano de uma grande parcela da população.

Entretanto, imagine que algo inesperado possa acontecer, e um dia alguém está atravessando a rua e é atropelado. Tudo ocorre muito rápido e, quando esta pessoa acorda está numa UTI<sup>1</sup> e lembra-se vagamente do que aconteceu. Esta pessoa teve uma nova chance. Todavia, tal acontecimento mudará para sempre sua vida.

---

<sup>1</sup> Unidade de Terapia Intensiva.

Acorda se sentindo estranha e não consegue mexer a perna e o braço de um dos lados, mas não entende direito o que está acontecendo. Em seguida, chega um médico e a comunica que ela foi atropelada e teve um traumatismo craniano e ficará **hemiplégica**. E no meio de uma intensa confusão, a pessoa só entende que foi atropelada. E o resto ? O que foi que realmente aconteceu?

Um traumatismo craniano ocorre quando uma batida muito forte na cabeça destrói células nervosas no interior do cérebro. No caso acima citado, foram lesionadas as células que comandavam o movimento da metade do seu corpo inversa daquela que apresentou deficiência. Agora, ela não consegue mais desempenhar seu papel e a pessoa ficou com uma hemiplegia, ou seja, uma paralisia na metade de seu corpo que recebia o comando da parte do cérebro que foi lesada.

Após um mês de internação, e após vários exames, finalmente o paciente recebe alta e volta para casa. Mas, precisa começar a fazer fisioterapia, em um centro de reabilitação para deficientes físicos, começando a deparar-se com uma realidade desconhecida, um mundo que até então julgava à parte, pois, o mesmo não integrava a sua realidade.

Em um primeiro momento, a pessoa tem esperanças de se recuperar totalmente e, depois de algum tempo, ficar tal qual era antes do inesperado acidente.

Depois de mais ou menos seis meses, a equipe que trabalha em sua recuperação lhe informa que o objetivo já foi alcançado. Ela se pergunta, como, se ainda não mexe o braço e arrasta a perna para andar. E mais uma vez explicam o que é uma lesão no cérebro e quais são suas conseqüências. Agora ela é uma deficiente física.

A declaração das pessoas deficientes, elaborada em 1.975, definiu deficiente físico como uma pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em



decorrência de uma deficiência, congênita ou não, em suas capacidades físicas.

Hoje em dia tal definição está ultrapassada, uma vez que o deficiente físico se esforça para suprir suas necessidades pessoais e sociais da forma mais independente possível, dentro de suas limitações.

As associações que agregam pessoas portadoras de necessidades especiais trabalham no sentido de conscientizar a sociedade, para integrar o deficiente físico no meio social, modificar barreiras arquitetônicas, ressaltar a capacidade de trabalho desse indivíduo e facilitar seu acesso à rede de ensino.

A deficiência física é definida, atualmente, como uma desvantagem, resultante de um comprometimento ou de uma incapacidade, que limita ou impede o desempenho motor de determinada pessoa.

Assim, são considerados portadores de deficiência física os indivíduos que apresentam comprometimento da capacidade motora, nos padrões considerados normais para a espécie humana.

É importante levar em conta que deficiente físico e deficiente mental são limitações diferentes, ocasionadas por lesões em áreas distintas do cérebro. Um deficiente físico não é, obrigatoriamente, um deficiente mental.

Logo de início, a pessoa que não possui deficiência física congênita se sente revoltada. Ela começa a questionar sua vida, o por que de ter acontecido com ela determinada fatalidade. Entretanto, não encontra resposta. Depois sente-se deprimida e passa a acreditar que sua vida acabou e que nada mais tem sentido ou graça.

Todavia, com o passar do tempo ela sente a necessidade de dar continuidade à vida. Mas como? – ela se questiona. Então começa a aprender uma nova forma de viver, de encarar o mundo e de adaptar-se segundo suas

próprias necessidades. A pessoa agora necessita do auxílio dos outros para levantar-se, sentar-se, para tomar banho, vestir-se e para alimentar-se.

O problema se agrava ainda mais quando a pessoa resolve retomar o trabalho, ou se for possível, decide trabalhar em algo que agora possa desempenhar mesmo diante de sua deficiência. Ainda bem que existe ônibus especiais para deficientes físicos, mesmo que em quantidade pequena e costumam demorar muito, às vezes, até mesmo uma hora. Quando o ônibus<sup>2</sup> chega, o acesso é feito por meio de uma plataforma, devendo ser operado e dirigido por profissionais devidamente treinados e que tenham sensibilidade suficiente para lidar de maneira humana e profissional.

Quando a pessoa deficiente desce do transporte coletivo nas proximidades do trabalho depara-se com outros problemas, pois a maioria das cidades brasileiras não foram construídas e nem modificadas para atender as necessidades de acessibilidade dos portadores de deficiência física. Escadarias, portas não adaptadas etc., e logo vem a vontade de desistir. Mas, quanto custa Ter um elevador?

Mas não há o que fazer e o deficiente físico tem que esperar pela ajuda de alguém para subir. O esforço é muito grande e o equilíbrio difícil. Na hora de ir ao banheiro então, não há como se apoiar, pois não há uma barra de apoio e, na maioria das vezes, o espaço destinado ao banheiro não permite que se entre com uma cadeira de rodas, por exemplo.

A maioria das construções de nosso país não estão preparadas para receber portadores de deficiência física, pois, desde sua construção deveriam ter sido projetados para este fim, possibilitando que eles tivessem acesso às instalações.

O dia é corrido e há muito serviço. Mas, o ritmo do deficiente físico costuma ser um pouco mais lento que das demais pessoas. Mas, será que os outros entendem isso e respeitam estas dificuldades?

À noite, o curso iniciado antes do acidente ... outra dificuldade, outra escada, que sacrifício. Um colega o ajuda a subir. As carteiras são desajeitadas e inadequadas para um deficiente físico!

A maioria dos professores não são devidamente treinados para lidar com a deficiência física, não sabem que o seu ritmo é mais lento. Entretanto, isso não significa que a pessoa deficiente não conseguirá aprender tudo. Ela tem apenas uma limitação motora, e não de inteligência.

Um certo dia uma jovem foi assaltada e levou um tiro<sup>3</sup>. A bala se instalou na coluna, ela foi submetida a uma cirurgia, mas ficou paraplégica, ou seja, perdeu o movimento da cintura para baixo, não sente mais nada nessa região. Por pouco ela não se tornou tetraplégica, que é quando a pessoa tem os quatro membros paralisados (pernas e braços).

Dentro da coluna fica a medula, de onde partem as terminações nervosas que vão para as pernas e braços. Se há uma lesão na parte superior, os quatro membros podem ficar sem movimentação. Se a lesão acontecer em uma área mais baixa, somente a perna perde o movimento.

A deficiência física implica na falha das funções motoras. Na maioria das vezes, a inteligência fica preservada, com exceção dos casos em que células da área de inteligência são atingidas no cérebro.

A jovem que fora baleada somente se desloca sentada em uma cadeira de rodas. Em muitos lugares, a cadeira de rodas não passa pela porta. Mas, ainda bem, pelo menos ela pode passear no shopping, ao terminal central, se quiser. Lá há rampas e elevadores, e até banheiros especiais para deficientes físicos, com porta larga para passagem de cadeiras de rodas, e também com barra de apoio. O mesmo não ocorre com a UFU – Universidade Federal de

---

<sup>2</sup> Em Uberlândia existem apenas 08 (oito) ônibus devidamente adaptados.

<sup>3</sup> Situação simulada para que o leitor possa analisar a gravidade do tema em questão.

Uberlândia -, que não foi devidamente projetada para permitir a acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência física.

Hemiplégicos, paraplégicos e tetraplégicos sofreram lesões no sistema nervoso (no cérebro ou na medula espinhal) que alteraram o controle neurológico sobre os músculos, afetando os movimentos do corpo. Se a lesão afetar a área da linguagem, a pessoa não fala, ou fala com dificuldades.

Há também pessoas amputadas, que nasceram sem um membro, perderam-no em um acidente ou necessitaram tirá-lo por problemas de saúde (como um problema circulatório ou uma gangrena). Esses deficientes podem ganhar mais independência se colocarem uma prótese (perna ou braço mecânico). Mesmo assim, às vezes ainda necessitam do apoio de bengalas ou muletas.

Agora resta uma pergunta: existem pessoas que são deficientes físicas desde o nascimento? A resposta é positiva. Entre outros problemas, existem pessoas com paralisia cerebral.

Na hora do parto, se o bebê ficar sem oxigênio alguns minutos, poderá perder células nervosas importantes. Isso pode ocorrer se houver complicações logo após o nascimento, tais como parada cardiorrespiratória, meningite e outras.

A criança com paralisia cerebral pode ter tido uma lesão somente na área do cérebro que coordena os movimentos do corpo, ou seja, a área motora. Nesse caso, será portadora de uma deficiência física e necessitará de cuidados especiais. Seus movimentos estarão prejudicados, com dificuldades de locomoção e de movimentação dos braços ou das pernas.

A Paralisia Cerebral é um distúrbio dos movimentos e das posturas em consequência de uma lesão que tenha ocorrido no cérebro durante a gestação, na hora do parto, ou logo após o nascimento.

Em alguns casos, a paralisia cerebral atinge também a área do cérebro responsável pelas funções cognitivas, ligadas à inteligência. Lembre-se daquele menino, seu vizinho ou conhecido, que você via sempre no colo dos pais ou no carrinho de bebê, que lhe parecia mimado e birrento? Pois é, a maioria das pessoas nunca pensaram que ele poderia ter uma deficiência física. Mas, o fato é que ele tem.

Quando Maria<sup>4</sup> nasceu, houve uma demora no parto e ela sofreu uma anoxia, ou seja, houve uma interrupção no fornecimento de oxigênio a seu cérebro. Sua vida foi salva graças à administração imediata de oxigênio. Mais o cérebro já havia sido atingido e, ainda, algumas células morreram.

Em consequência da anoxia, ela demorou mais tempo que as outras crianças para sustentar a cabeça e sentar. E só conseguiu isso depois de várias sessões de fisioterapia.

E havia outros problemas, como se engasga-se com o leite e tinha dificuldades para engolir a comida. Com dois anos e seis meses sequer falava, e precisou fazer acompanhamento fonoaudiológico.

Mas este são apenas alguns dos problemas enfrentados por pessoas portadoras de deficiência física. O convívio social, o ingresso no mercado de trabalho e outras atividades que aparentemente são corriqueiras no dia-a-dia de uma pessoa comum, são tarefas difíceis na vida de um deficiente físico.

## I – DEPOIMENTO DE PERSEVERANÇA:

Agora Maria já saiu da faculdade. Locomove-se com o auxílio de uma cadeira de rodas, mas consegue participar de várias atividades com outras pessoas.

Como tem QI acima média, Maria é uma jovem dinâmica e, assim como qualquer pessoa normal, corre atrás de suas metas e de seus objetivos. Atualmente, ocupa um cargo de considerável importância na área que escolheu, tendo sido aprovada em um concurso público e classificada em primeiro lugar em todo o país.

No princípio, ao procurar uma escola, os pais dela depararam com vários obstáculos: escadas enormes, pátio com chão irregular, falta de funcionários para auxiliá-la a chegar ao pátio do recreio e para ajudá-la a ir ao banheiro. E, para dificultar ainda mais há sempre o preconceito. Para algumas pessoas, um deficiente físico também é um deficiente mental.

No adulto, a deficiência física pode resultar de acidente vascular cerebral (derrame), de traumatismo craniano, de lesão medular ou amputação.

---

<sup>1</sup> Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da depoente.

Em relação às crianças, algumas de tornaram deficientes em decorrência de meningite, traumatismo craniano por uma queda muito forte, parada respiratória provocada por um choque anafilático (alergia à anestésias) durante uma cirurgia, má formação durante o período embrionário, ocasionadas por remédios tomados pela mãe durante a gestação (seqüelas da talidomida, por exemplo) e outros problemas, como a poliomielite.

As causas de deficiência física podem ser: Pré-natal, ou seja, problemas durante a gestação, como: remédios ingeridos pela mãe, tentativas de aborto mal sucedidas, perdas de sangue durante a gestação, crises maternas de hipertensão, problemas genéticos e outros; Perinatais: problemas respiratórios na hora do nascimento, prematuridade, traumas ocasionados pelo excedência. Pós Natais: o bebê sofre uma parada cardíaca, pega infecção hospitalar, tem meningite ou outras doenças infecto-contagiosa, ou seu sangue não combina com o da mãe fator Rh -. No adulto, quando ocorre uma lesão medular, aneurisma ou acidente vascular cerebral e outros problemas.

Uma das doenças que já foi a maior causa de deficiência física no Brasil é a paralisia infantil (Poliomielite), hoje erradicada graças às amplas campanhas de vacinação e a tomada de consciência pelos pais a respeito da necessidade de proteger seus filhos.

Existe também outras medidas que ajudariam a diminuir o número de pessoas portadoras de deficiência física como por exemplo: a maior conscientização das mulheres à cerca da necessidade de fazer acompanhamento médico pré-natal; melhor infra-estrutura nos berçários para atender aos recém-nascidos (UTI para bebês que correm risco de vida, aparelhagem moderna, assepsia para evitar infecção hospitalar); pessoal treinado no resgate de vítimas de acidentes de trânsito; conscientização dos riscos da hipertensão e da diabetes.

A deficiência física não pode ser sinônimo de invalidez social, sintoma social freqüente, mesmo sendo realizadas várias campanhas no sentido de

mudar esta concepção errônea. A sociedade e o deficiente devem se unir para vencer os obstáculos.

Esta foi a sensação dos meus pais quando eu nasci – relata Maria:

*“Imagine a expectativa deles durante nove meses que eu estive na barriga da minha mãe! Montaram e arrumaram o quarto, compraram o berço, banheira, enxoval, fraldas e até mesmo alguns bichinhos e chocalhos. Finalmente, chegou o grande dia e eu resolvi nascer, sair daquela escuridão aconchegante e enfrentar o mundo. Momentos depois de meu nascimento, os médicos procuraram procurar meu pai e um deles explicou que eu tive um probleminha na hora do parto, pois havia faltado oxigênio no meu cérebro, pois eu demorei para respirar. Eu seria, segundo o médico, uma criança diferente das outras! Talvez nunca andasse ou falasse. Só com o passar do tempo e com a estimulação é que se poderia dizer como eu seria. Mas com certeza meu desenvolvimento seria diferente do das outras crianças na minha idade.*

*Meu pai perguntou o que eu tinha realmente, e o médico respondeu que eu seria portadora de **Paralisia Cerebral**, ou seja, algumas células do meu cérebro morreram na hora do parto, em consequência da falta de oxigênio. Isso causou-me problemas motores. Deste modo, eu tornei-me uma criança com déficit motor, ou sejam, uma deficiente física.*

*Insatisfeito com a resposta, meu pai ainda perguntou se existia muitas crianças com deficiência física se para todas faltou oxigênio na hora do parto. O médico respondeu que positivamente havia muitas crianças portadoras de deficiência física, mas que não necessariamente todas foram vítimas de oxigenação no cérebro,*



*pois esta é apenas uma das causas da deficiência física em crianças; existem muitas outras.*

*Há crianças cujas mães tiveram alguma doença durante a gestação, tomaram algum remédio que prejudicou o feto, ou até mesmo tentaram fazer m aborto não conseguiram. Essas crianças podem apresentar lesões cerebrais.*

*A primeira preocupação do meu pai foi saber se eu seria inteligente. Provavelmente sim, respondeu o médico, pois **deficiência física é diferente de deficiência mental**. Se a lesão atingir só a área motora do cérebro, aquela que comanda os movimentos, a criança terá só limitações motoras. Mas ela será deficiente mental, com um QI rebaixado, se houver uma lesão também na área da inteligência.*

*A dúvida de meu pai também é a dúvida de várias outras que estão na mesma situação, e ele perguntou ao médico o que teria de fazer, pois não sabia nem por onde começar, e mais, não sabia o que o reservava o futuro, principalmente como agir comigo.*

*De maneira objetiva, porém humana, o médico recomendou que meu pai procurasse um neurologista, que faria exames para detectar em que medida o meu cérebro foi atingido. Deste modo, especialista iria orientá-lo em relação ao tratamento que me fosse necessário.*

*Meus pais ficaram muito deprimidos em um primeiro momento. Durante nove meses eles haviam sonhado com uma criança igual às outras, com um bebê que se desenvolvia normalmente. Agora, a angústia e sensação de insegurança eram muito grandes.*

*Três dias depois, chegou a hora de ir para casa. Porém, eu tive uma convulsão e precisei ficar mais tempo no berçário. Como foi dura a separação, para mim e para minha mãe. O contato com ela era importante e eu queria mamar no seu seio, ser tocada por ela. Porém, eu tinha que ficar num berço de oxigênio, não podia ser amamentada. Quando o neurologista me viu e analisou os exames, chamou meus pais e veio a triste verdade, pois uma parte do hemisfério direito do meu cérebro havia morrido. Eu tive dificuldades para movimentar a mão e perna esquerda, o que atrasou o meu desenvolvimento.*

*Meus pais não entenderam porque uma lesão do hemisfério direito do meu cérebro prejudicaria os movimentos do lado esquerdo do meu corpo. E aí tiveram uma explicação. O lado direito do cérebro comanda o lado esquerdo do corpo, enviando mensagens para a sua movimentação; o lado esquerdo do cérebro por sua vez, envia comandos para a movimentação do lado direito do nosso corpo.*

*O médico nos encaminhou para um centro de reabilitação, no qual eu receberia estimulação. Quanto mais cedo isso acontecesse, melhor seria para eu me desenvolver. Esse tratamento era chamado de **Estimulação precoce**.*

*Dar estimulação precoce significa começar a estimular o bebê o mais cedo possível, com o objetivo de desenvolver suas capacidades e sua independência no dia a dia, de acordo com a fase em que ela se encontra.*

*No centro de reabilitação, meus pais conheceram diferentes profissionais: fisiatra (médico que se especializou em reabilitação física), fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, fonoaudióloga, psicóloga, pedagoga, e assistente social – esse grupo de*

*especialista orienta os pais, para que eles saibam como lidar com a deficiência do filho possam ajudar no processo de estimulação.*

*Meus pais ficaram conhecendo também outras crianças com necessidade especiais, por terem sofrido traumatismo cranianos em acidentes de carros ou de trânsito, e até mesmo em acidentes domésticos, como uma queda de um lugar alto.*

*Algumas tinham dificuldades de movimentação em um braço e em uma perna e tal como eu, eram chamadas de hemiplégicas. Outras, com os quatros membros (pernas e braços) paralisados, eram chamadas tetraplégicas. E havia ainda as paraplégicas, incapacitadas de movimentar as pernas.*

*Minha mãe conheceu m menino com apenas parte do braço e da perna. Durante a gravidez, sua tomara um remédio que interferira na formação do feto. Havia também criança com a chamadas miopatias. São bebês que nasceram bem, sem problema algum e, de repente, por volta dos três anos, começaram a cair muito e a perder a força dos músculos. Vão perdendo a força muscular e têm um tempo de vida curto.*

*Meus pais se perguntavam porque existiam casos mais graves ou menos graves que o meu. Aprenderam que a deficiência motora é tanto maior quanto maior for a lesão do cérebro. Uma lesão na área da linguagem dificulta a fala. Se a lesão atingir a área da inteligência, o QI será rebaixado.*

*O Tônus dos Músculos, isto é, sua elasticidade e sua capacidade de se contraírem em relação às ordens enviadas pelo cérebro, é que permite nossos movimentos. Na medida em que os músculos são usados continuamente e são exercitados, o tônus muscular vai se fortalecendo. O desenvolvimento motor do bebê ocorre graças ao fortalecimento do tônus muscular, combinado*

*com o desenvolvimento do sistema nervoso. Em algumas crianças, o tônus muscular é muito fraco. Elas são chamadas de hipotônicas, porque os músculos são moles.*

*Nos casos de paralisia cerebral os músculos às vezes ficam muito rígidos. São as crianças chamadas de espásticas. Eu era assim. Há bebês nos quais ocorre movimentos involuntários, que não conseguem controlar. Eles são atetósicos. Mas para mim, era difícil levantar a cabeça e virá-la de um lado para o outro. Com isto, não podia acompanhar os movimentos dos objetos, como os móveis pendurados no berço.*

*Eu dependia dos outros, para colocarem os brinquedos perto de mim. Sempre deitada, meu campo de visão era bem mais estreito que o das outras crianças. Bater palma então, era impossível, pois uma das minhas mãos não se mexia. Apesar de todo esforço dos meus pai e da equipe de reabilitação, eu ainda não conseguia ficar em pé nessa idade, e descobri muito cedo que jamais poderia ficar de pé sozinha. Cada conquista minha era uma festa. A repetição constante dos exercícios e os elogios que recebia eram importantes para o meu aprendizado e desenvolvimento. Eu dependia mais da minha mãe que as outras crianças da mesma idade dependiam delas. Até tentar engatinhar era difícil, até mesmo impossível. Eu me arrastava, pois só podia contar com o lado direito do corpo e com um esforço sobrenatural, uma vontade de alcançar aquilo que minha deficiência não me permitia alcançar. Mais eu entendia as coisas que me falavam e também conseguia me comunicar com dificuldade, pois a lesão do meu cérebro não prejudicava minha capacidade de compreender os outros. Sentia fome e sede, queria brincar, queria carinho e amigos, e o que foi mais importante para que eu chegasse onde cheguei, eu tinha fome de saber, pois sabia que seria através de meu intelecto, da minha capacidade racional que eu me destacaria diante de todas as pessoas “normais” que me cercavam.*

*Apesar das limitações motoras, eu tinha direito ao mesmo tipo de experiência de todas as pessoas. Eu precisava por exemplo explorar um brinquedo, sentir sua textura, prestar atenção as cores e aos sons; mas, para isso, eu dependia do auxílio das outras pessoas, principalmente de meus pais, que sempre estiveram ao meu lado, ora me carregando, ora empurrando minha cadeira, ora abandonando suas vidas para viverem a minha. Ainda, contei e conto com a figura fiel de amigos, que independentemente da minha deficiência, sempre estiveram presentes, e o melhor, é saber o que fizeram pela minha pessoa, pelo o que eu represento à elas, e não porque sou bonita ou por ser sexualmente atraente, mas, simplesmente por ser eu, uma pessoa que graças à Deus soube cativar amigos verdadeiros.*

*Esse seria o caminho para eu me desenvolver e, mais tarde interagir com outras pessoas, participar das brincadeiras, freqüentar a escola, a universidade, participar de shows e tudo mais.*

*O carinho de meus pais, que nunca sentiram vergonha de sair e passear comigo, foi de grande valia. No começo, meu pai conta, ele se irritava com a curiosidade das pessoas, quando vinham perguntar o que havia acontecido comigo.*

*Depois, ele foi percebendo que explicar o problema e conversar a respeito era uma maneira de ajudar e vencer o preconceito contra os portadores de deficiência física, ajudar aqueles que assim como eu eram vistos de canto de olho pela sociedade mal informada.*

*Aprender a lidar com esta situação foi muito importante para mim, afinal, eu precisava ir à escola e a conviver com outras crianças. Se eles não saíssem comigo, como eu conheceria o mundo? Eu ficaria limitada ao que havia dentro de minha própria*

*casa e do centro de reabilitação, conviveria apenas com a minha família e com os profissionais que tratavam de mim. Eu queria mais, pois o mundo me esperava.*

*Minha família compreendeu que não poderia limitar ainda mais minha vida, além do que a deficiência já limitava. Eu não era doente, eu era uma portadora de deficiência física, que não impediria o meu convívio social.*

*Para fazer qualquer coisa eu precisava de apoio e, claro, isso me trazia algumas limitações. Dentro de casa eu me segurava nos móveis ou na parede e, se não desse, tentava engatinhar. Mas não podia sair para brincar com outros meninos na rua, onde não encontraria apoio. Mas quando veio minha primeira cadeira, ufa, que bom, eu ganhei muito mais do que pernas, eu ganhei asas.*

*Para comer, comecei bem cedo a me virar sozinha, segurando o garfo com a mão direita, que não tinha problema. Mas as atividades que dependem das duas mãos, como abotoar a roupa e dar nó no cordão do tênis, essas eram bem difíceis.*

*Aos quatro anos, a minha linguagem estava bem desenvolvida, tanto a fala quanto a compreensão. O contato com adultos e outras crianças se tornou mais fácil, pois já sabia me explicar e falar de minhas dificuldades. Aos cinco anos, mesmo sem equilíbrio suficiente, eu já podia escovar os dentes e lavar o rosto sozinha, bastava ficar sentada em uma cadeira, na frente da pia.*

*Então, desse ponto de vista, meu desenvolvimento foi igual ao das outras crianças. Isso facilita bem o dia-a-dia dentro de casa, pois podia dizer para minha mãe o que eu estava sentindo, ou o que estava acontecendo.*

*Esta é um pouco de minha história, e com certeza é semelhante a de tantos outros portadores de deficiência física que, infelizmente, vivem às margens da sociedade, pois uma grande maioria não contam com todo apoio e amparo que eu tive no decorrer de minha vida. Agora, tendo alcançado o ápice da minha carreira profissional – graças à Constituição Federal de 1.988, que veio garantir a participação de pessoas portadoras de deficiências em concursos públicos, o que representou uma primeira e grande vitória para nós, deficientes físicos -, procurarei dar embasamento e auxílio para todas as pessoas que, assim como eu, desejam ultrapassar as barreiras da deficiência física.*

## II – APARU E O PROGRAMA “SEM BARREIRAS”:

A APARU vem desenvolvendo um programa denominado “Sem Barreiras”<sup>5</sup>. Viver nos dias atuais está se tornando um desafio, especialmente pela busca e habilidade de construir uma história de respeito ao ser humano.

*“A humanidade está saturada de problemas e obstáculos que necessitam ser superados à cada dia, sem que sejam apresentadas opções que facilitem a vida de todos, independente de suas condições físicas, sociais e econômicas. Para as pessoas portadoras de deficiências esses obstáculos, além das barreiras psicossociais, se fazem presentes fisicamente por quase todos os locais onde andam. A Campanha Educativa ‘Uberlândia Sem Barreiras’ nasceu da observação e vivência dessas dificuldades e de um profundo desejo de mudança da realidade acima descrita e da percepção dos autores de que obrigatoriamente as mudanças passam pela educação..”<sup>6</sup>*

---

<sup>5</sup> Manual de Acessibilidade da Aparu.

<sup>6</sup> Texto retirado do Manual de Acessibilidade / Aparu/1999.



Educação essa que se consagra pela responsabilidade de cada um enquanto agente de seu tempo e responsável histórico por onde passa. Foi então que se definiu o objetivo, uma campanha educativa que fosse capaz de chamar a atenção para uma realidade muitas vezes esquecidas, as dificuldades causadas pela falta de acesso aos locais de uso público e vividas pelas pessoas portadoras de deficiência física.

Definiu-se também que a campanha só poderia ser agressiva naquilo que concerne ao efeito visual, porém, o vocabulário deveria ser adequado e de certa forma sedutor, levando o leitor a pensar na real situação vivida pelos portadores de deficiência física.

Desenvolvida a idéia principal, que era fazer uma transformação da realidade de vida da pessoa portadora de deficiência física, os autores do projeto "Uberlândia Sem Barreiras" que já sabiam o que desejavam fazer, os objetivos, como atingi-los, e a quem se destinavam, começaram a buscar parceiros que tivessem conhecimentos técnicos de desenho e marketing, para a criação do trabalho gráfico. Preocuparam-se também em identificar pessoas que tivesse a capacidade de entender o princípio fundamental desse projeto incorporando essa idéia e que, no caso, já tinham convivido com as dificuldades e barreiras impostas pela deficiência física ( conhecimento do objeto).

Este foi um momento muito importante na criação da campanha, porque os autores já possuíam a problemática, o objeto e a metodologia a ser utilizada.

Nas diversas reuniões para o que denominaram "ponto de controle", cada autor apresentava ao grupo tudo o que já tinha sido desenvolvido, seja as imagens ou textos, e era definido o que seria aproveitado na campanha.

Logo nas primeiras peças que foram criadas surgiu uma necessidade: na verdade, era sabido que talvez não fosse possível realizar todo o material. Por isso, a necessidade de criar uma campanha que pudesse ser

operacionalizada de tal maneira que cada uma de suas peças fosse capaz de apresentar o propósito, a forma e a características básica da campanha.

Foi tomado o cuidado de registrar em todo o material da campanha a mesma característica; isto é constante, desde a definição do formato, fontes, cores, tamanhos e principalmente a logomarca da campanha.

Para essa criação foram feitas discussões e pesquisas de opinião – os autores entendiam que ela deveria ter a mesma conotação dada às grandes marcas conhecidas, onde o que se vê define o produto no símbolo gráfico. Definiu-se ainda que essa logomarca deveria apresentar o diferencial proposto pela campanha, por isso, seu formato sugere a letra (Q) de qualidade. O motivo é que este diferencial é o que a campanha confere aos locais acessíveis ou às pessoas que acreditam nessa proposta. Isso será explicado com mais riqueza de detalhes mais adiante.

Esses cuidados são importantes numa campanha educativa para que ela não se acabe logo em que seu material de distribuição termine, o que não seria interessante e nem faria com que o objetivo da campanha fosse alcançado. Uma boa campanha em termos de resultados é *aquela que continua após o seu primeiro impacto, e uma ótima campanha educativa pode ser definida como aquela que se torna sinônimo de seu objetivo, porque sua mensagem ficou marcada no imaginário coletivo*<sup>7</sup>. Isso significa mudança de conceito, assimilação por parte da sociedade.

Pensando nisso criou-se uma campanha educativa que busca informar a população sobre as necessidades das pessoas portadoras de deficiência física no que refere à acessibilidade. Num segundo passo foi-se ao encontro dos proprietários de estabelecimentos de uso público para chamar-lhes a atenção para o assunto.

---

<sup>7</sup> Texto retirado do Manual de Acessibilidade / Aparu 1999.

Desse entendimento poderia resultar o reconhecimento de um dever – acessibilidade – e, mais que isso, uma atitude que iria tomar pela solução de adequação ao seu estabelecimento diferenciado do de seu concorrente.

Objetivamente, esta proposta troca o rigor imposto pelo discurso exclusivamente legalista do tipo: “Faça, porque é direito meu, e eu quero”, pela linguagem mais adequada aos ouvidos do comerciante, ou seja: “Se você disponibilizar acesso terá mais lucro”, uma vez que, ao contrário do que uma grande parcela da população acredita, pessoas deficientes também são consumidoras.

A atitude ditada pelo discurso anterior que justificava porque, até então, se via um discurso radical, que não informava como e porque a acessibilidade influencia as vidas das pessoas portadoras de deficiência física e das que com elas convivem.

A preocupação primordial da campanha “Uberlândia Sem Barreiras” é, além de estar efetivando as leis, estar também levando a proposta educativa em cada peça, de forma a deixar sempre um motivo de reflexão sobre o tema. Seja num *folder*, num adesivo ou em todas as demais peças, a campanha tem de certa forma a mesma mensagem e, de maneira carinhosa e sedutora está sempre informando. É, como se vê, uma tese polivalente, podendo ser levadas a outras cidades do país com a mesma proposta educativa. Seja onde for, o objetivo é o mesmo, ou seja, fazer com que a educação seja informada sobre as vantagens de se ter uma cidade acessível à todas as pessoas, sem distinções.

Tudo isso foi pensado em razão de certas situações de constrangimento que ocorrem no dia-a-dia, de pessoas que, em face as dificuldades encontradas, são obrigadas a usar o peso da lei para resguardar um direito. Elas não utilizam o Poder Judiciário porque são encrenqueiras ou por gostarem de confusão, mas, simplesmente porque não têm outra saída para resolver estas situações, senão o mecanismo legal.

Ainda, é importante lembrar que a lei deve ser preservada e usada sempre que não seja possível Ter o direito resguardado, porém as conquistas que são efetivadas sob o peso da imposição judicial quase sempre distanciam as pessoas envolvidas. Imagine-se um comerciante sendo obrigado pelo juiz a colocar uma forma de acesso ao seu estabelecimento: ele não poderia desobedecer, porém, o faria insatisfeito: Ainda mais em tempos de crise onde os gastos são muito bem controlados. Certamente, o primeiro usuário de cadeiras de rodas que entrasse em sua loja lhe traria a lembrança da “chateação e do prejuízo”... De outro modo, se esse mesmo comerciante fosse informado das vantagens que passaria a ter por disponibilizar acesso às pessoas portadoras de deficiência física ao seu estabelecimento, com certeza ele iria colocar o item acessibilidade na lista de prioridades para a próxima reforma. Isto é educação.

Evidentemente, muito se fez à força de determinação judicial ou por ato de administradores públicos mais sensíveis. No entanto, deve-se ressaltar a falta de cultura a respeito do direito do cidadão, no caso o direito de ir e vir sem barreiras arquitetônicas.

Isso significa que, para implementar as conquistas previstas na Constituição da República Federativa do Brasil de 1.988, são necessárias ações que busquem efetivar a obrigação legal. Na prática, visualiza-se que quando um direito é respeitado como consequência da percepção da necessidade, os resultados são muito maiores que uma determinação judicial.

Portanto, o programa “*Uberlândia Sem Barreiras*” surgiu como proposta de sensibilização social e como forma de mostrar que a acessibilidade, mais que um dever, pode ser utilizada como marketing e para dar lucro. Os objetivos iniciais dessa campanha educativa foram:

*“ ... o esclarecimento da população; ao Poder Público ;e aos proprietários de estabelecimentos de uso público, de que as pessoas antes de serem portadoras de deficiências físicas são cidadãos, trabalhadoras, consumidoras etc.; mostrar ainda que proporcionar*

*acesso às pessoas portadoras de deficiência física significa um nicho de mercado atrativo; e que desmistificar a imagem de deficiente carente apresentando-o como cidadão a ser respeitado.*<sup>8</sup>

Antes de efetivamente demonstrar o projeto “Uberlândia Sem Barreiras”, é necessário que se descreva um pouco de sua história, uma vez que, uma iniciativa anterior habitualmente denominada de “Idéias Sem Fronteiras” foi o embasamento fundamental para a campanha. A frase “Idéias Sem Fronteiras” pode Ter um duplo sentido, e é até bom que o tenha, tendo em vista que não pode existir barreiras quando se busca criar algo. Este é o ideal abarcado pelos integrantes do grupo que compõem a formação do projeto “Uberlândia Sem Barreiras”.

Como já foi dito anteriormente, depois de muita espera, luta jurídica e política pela conquista da acessibilidade na cidade de Uberlândia, e após a percepção de que, na prática, as coisas não aconteciam de forma satisfatória (ousando, pode-se dizer que as coisas não acontecem com prazer), ou os acessos que foram disponibilizados em quase uma década de luta eram poucos, irregulares, ou a acessibilidade era sujeita sempre aos restos dos recursos das obras. Isto dava um certo “cansaço” político, um desgaste intenso que na realidade deveria ser compreendido como um direito, uma conquista a ser alcançada.

Todavia, acreditava-se muito na possibilidade de se ter uma cidade que se adequasse sem que fosse necessário “brigar” por uma pequena rampa. Buscava-se caminhos que tomassem o percurso menor, distribuía-se material<sup>9</sup>, fornecia-se informações, dava-se opinião nas construções. Não pode-se dizer que isto tenha sido em vão, mas era muito desgastante para todos os militantes desta causa tal postura e situação. Quando surgiam, os resultados pareciam coisa feita para atender a um pedido especial de uma pessoa. Quase uma caridade, uma esmola.

---

<sup>8</sup> Texto retirado do Manual de Acessibilidade / Aparu 1.999.

<sup>9</sup> O material acima supra citado fora distribuído pelo Departamento de Acessibilidade/Aparu.

Foi no ano de 1.997, que um grupo de pessoas – entre elas usuários de cadeira de rodas – tentaram agir como um grupo qualquer de consumidores no comércio de Uberlândia e foram a uma pizzaria e não puderam entrar. Tiveram que ser servidos na praça por falta de acesso ao lugar apropriado. Situação por demais constrangedora. Ao pagar a conta, pediram para falar com o gerente da casa. De costume, o interlocutor nestas ocasiões espera uma advertência baseada no Código de Defesa do Consumidor; porém, neste caso ele apenas foi informado sobre o quanto poderia lucrar com a acessibilidade. A mudança de conceitualização ocorreu quando o gerente, após o vexame e constrangimento de ambas as partes, convidou o grupo a voltar depois de uma semana para inaugurar a rampa que se propôs a fazer. Felizmente, foi o que realmente aconteceu!

Desta experiência e mesmo da dificuldade enfrentada por este grupo de amigos, surgiu a luz que faltava e que se buscava há tempos. Foi escrito o Programa “Adaptando”, uma proposta de envolvimento de toda a comunidade e autoridade constituída para transformar Uberlândia numa cidade acessível. Esta proposta foi apresentada na Câmara Municipal, foi aplaudida, elogiada pela imprensa. Mas, acessos propriamente ditos, exceto o da Câmara Municipal, não aconteceram. Faltava a forma de fazer tudo aquilo que estava proposto virar prática, faltava algo que tivesse a condição de transformar a força da lei em sedução, atitude, educação.

Em 1.998, também em Uberlândia, foi criado um grupo de atualização jurídica com renomados professores, que estavam programando suas atividades para serem executadas em um prédio, cujo acesso só era possível por meio de três lances de escadas. Quando um desses professores foi procurado por uma aluna cadeirante a qual explicou suas dificuldades quanto à acessibilidade, este agiu de uma forma grosseira – que aqui não será transcrito – e pediu a pretensa candidata que arrumasse, ela, outra sala senão a em questão.

Estes grupos de pessoas resolveram se unir. Mas, agora para criar uma campanha educativa. Para que ninguém falasse que nunca tinha visto ou escutado sobre as necessidades da pessoa portadora de deficiência física!

Num segundo momento, houve e poderá haver novos processos judiciais, mas o esclarecimento tem que ser realizado anteriormente, de modo a levar a uma gama maior de pessoas a conscientização de que é necessário resguardar o direito à acessibilidade aos portadores de deficiência física, pois, assim como qualquer cidadão, eles têm o direito de ir e vir. Deste modo, assim nasceu a campanha "Uberlândia Sem Barreiras".

É sempre bom lembrar que depois de um trabalho feito há a tendência de esquecer o modo como ele foi feito. Por isso, no momento de seu nascimento não se sabia nada além de que se queria fazer uma campanha educativa sobre remoção de barreiras arquitetônicas em Uberlândia. Este era o objetivo principal da Campanha.

Ninguém sabia nada e nem ao menos se tinha em mãos um roteiro de como se fazer este trabalho. O jeito foi criar tudo mesmo sabendo que haveria o risco de errar quanto ao alvo e ao rumo desta trajetória. Depois de várias reuniões do grupo interessado e de terem sido ouvidas muitas críticas, foram aparecendo as primeiras idéias. Nesse ponto é muito bom poder contar com parceiros que tenham o conhecimento técnico, porque na maioria das vezes a pessoa pensa mas não consegue traduzir o seu pensamento de forma gráfica.

*Pode-se dizer que o trabalho da campanha surgiu das experiências vividas na prática do dia-a-dia das pessoas portadoras de deficiência física, porém, buscava-se sempre transformar a mentalidade usual das escadas numa mentalidade de acesso para todos<sup>10</sup>.*

Mais do que fazer uma campanha de remoção de barreiras físicas, como era a proposta do programa "Adaptando", os autores do programa chegaram à conclusão que a acessibilidade deveria vir como consequência de um processo

de conscientização, e acreditava-se que o objetivo maior era deixar a filosofia do desenho universal implantada no imaginário coletivo. Deste modo, as rampas e os outros acessos viriam então, como resultado.

Melhor que argumentar com cada construtor, com cada dono de comércio ou responsável por instituições, em cada obra na cidade, sobre as vantagens de se fazer uma oportunidade de acesso, *Uberlândia Sem Barreiras* veio trazer uma forma mais organizada do pensamento, por isso ela tornou-se inédita. Esta maneira de lutar tendo como maior arma a educação, ainda não havia sido pensada no Brasil, embora a transformação pela educação e os resultados que se obtêm por ela, não seja novidade para ninguém.

Assim, é muito importante saber delimitar o objetivo que se pretende atingir com uma campanha educativa. Exemplo disso, é o fato de não adiantar querer resolver num todo o problema da incidência de gravidez entre adolescentes no Brasil. Pode acontecer de o objetivo ser genérico demais e pecar na especialidade perdendo a oportunidade de se resolver, por exemplo, nos casos de uma determinada comunidade é possível conhecer cada família, determinar onde e como agir e interferir especificamente no local; e por outro lado, o resolver problemas locais pode acumular conhecimentos e experiências que poderão ser aproveitados em outras comunidades maiores e mais complexas.

---

<sup>10</sup> Texto retirado do Manual de Acessibilidade/Aparu 1999.



### III – O PAPEL DO HISTORIADOR NA INTERPRETAÇÃO DE TEMAS CONTEMPORÂNEOS:

Mediante ao impacto dos acontecimentos ocorridos neste último século, fez com que brotasse nos homens a vontade de reagir, cujo objetivo é o de tentar explicar o presente. Uma vez que, quem está no presente tem a oportunidade de dialogar com sua fonte, colhendo o testemunho vivo. E deste diálogo, dessa cumplicidade pode surgir um trabalho extremamente fecundo; como também passivo ou ativo, neutro ou engajado, ideológico ou combativo.

O historiador se difere em muito do jornalista. As profissões do jornalismo e da história cresceram separadamente, há um século e meio. O historiador se move no sentido de constatar a veracidade dos fatos, colhendo depoimentos e não simplesmente narrando acontecimentos que, com certeza, em breve cairão no esquecimento. Assim, não há um distanciamento do objeto, pois, o historiador tem a possibilidade de dialogar com a sua fonte.

A história não é somente o estudo do passado, ela pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, um estudo do presente e de temas atuais, como, neste caso, a problemática acerca do acesso urbano e cidadania, dentro do contexto das dificuldades apresentadas aos portadores de deficiência física na cidade de Uberlândia.

Assim, o papel do historiador é o de constatar quais acontecimentos contemporâneos estão aptos a serem retransmitidos para o futuro – tal como o problema da acessibilidade para os portadores de deficiência física em Uberlândia, de modo a efetivá-los dentro do contexto histórico. Por sua vez, o jornalista trata de fatos imediatistas, visando exclusivamente fazer-se notícia,

de modo temporário. É de suma importância que o historiador esteja atento à todos os requisitos básicos de constatação e veracidade, para que os acontecimentos históricos percebidos por ele em seu tempo não sejam falsos, ou até mesmo, de origem duvidosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante de tamanhas dificuldades que foram apresentadas anteriormente, o problema que envolve a vida das pessoas deficientes físicas são, por consequência, urgentes, e como tal requerem providências imediatas e sérias, no sentido de amenizar as dificuldades que são apresentadas.

Os problemas que fazem parte do dia-a-dia das pessoas portadoras de deficiência física ficam mais fáceis quando se pode contar com meios de transporte adaptados e com rampas de acesso e barras de apoio.

Também, com a garantia em forma de lei que possibilita a participação de deficientes físicos em concursos públicos e, ainda, uma maior conscientização por parte da sociedade, faz com que, casos como o de Maria tornem-se mais numerosos.

A população brasileira tem que se conscientizar que *“Deficiência Física não é sinônimo de incapacidade”*<sup>11</sup>, e sim, é apenas um processo de limitações, que na maioria das vezes pode ser adaptado à real situação do indivíduo, desde que também esteja desejando se sobressair, ultrapassar as suas próprias barreiras e, ainda, contar com o auxílio de pessoas dispostas a abraçar esta causa, que por si só já é nobre.

Uma pessoa deficiente física pode e deve desempenhar atividades que estejam de acordo com as suas limitações. Todavia, uma grande maioria de portadores de deficiência física pratica esportes, trabalha, quando possível constitui família, estuda, enfim, vive sua vida de maneira organizada e natural.

É necessário também que as diferenças sejam trabalhadas desde a infância. Ao colocar alunos portadores de deficiência física em escolas comuns – todavia preparadas para acolhê-los – é algo que, sem dúvida, fará com que este se torne um cidadão inteirado com o meio do qual faz parte. Suas limitações motoras não deve fazer com que este seja visto de maneira excluída, uma vez que, na maioria dos casos, os portadores de deficiência física são tão ou mais dotados de inteligência quanto uma pessoa tida como “normal”.

A história se encarrega de mostrar que pessoas como *Aleijadinho*, por exemplo, são tão capazes de criar como qualquer outra. A mente humana transcende as barreiras físicas e cria de modo especial, sem que se limite ao plano material. A inteligência do homem deve ser aferida de acordo com as suas atividades desempenhadas e não pela dificuldade ou não de as tê-la feito.

Após Ter realizado pesquisas com o intuito de recolher relatos do cotidiano de algumas pessoas portadoras de deficiência física, pude perceber que muitas pessoas contribuem de maneira efetiva, para a reversão do quadro de descaso e exclusão.

O empenho por parte de algumas empresas também fazem com que projetos sejam criados. Em Uberlândia, alguns empresários tem como funcionários portadores de deficiência física. Medida inteligente, uma vez que, o resultado esperado costuma ultrapassar as expectativas, pois, a vontade de integrar o mercado de trabalho e a predisposição à luta, faz com que o deficiente físico desempenhe da melhor maneira possível as tarefas a ele atribuídas.

---

<sup>11</sup> Frase retirada do Manual de Acessibilidade. Aparu / 1999.

Também tive a oportunidade de verificar a questão do transporte coletivo na cidade, e verifiquei que, mesmo em pequena quantidade, os ônibus adaptados de acordo com as necessidades das pessoas portadoras de deficiência física auxiliam em muito a locomoção das mesma.

Geralmente, os motoristas e cobradores destes veículos são pessoas cuja capacidade não deixa a desejar. Com paciência e dedicação ao trabalho, costumam desempenhar suas funções de maneira humana, sem contudo diminuir a importância dos usuários em questão. Tais transportes podem ser utilizados por pessoas não portadoras de deficiência, todavia, estas tem prioridade quanto à sua utilização.

Assim, Uberlândia vem trabalhando para que problemas como o da acessibilidade, o resguardamento dos direitos de ir e vir em locais públicos, em casas noturnas, lanchonetes, universidades, cinemas, enfim, em locais de natureza pública sejam sanados, de maneira consciente e eficaz.

Mas muito ainda deve ser feito. E é tarefa do historiador registrar tais acontecimentos tão urgentes e necessários. Ainda, deve-se garantir que campanhas como esta que está sendo desenvolvida em Uberlândia – *Uberlândia Sem Barreiras* – sejam mantidas e que continuem a serem criadas, e o que primordial, que alcance os resultados almejados, que é a reeducação da população, para que esta possa conviver com os portadores de deficiência física e não, que o deficiente seja o único a ter de se adaptar à cidade e ao seu desenvolvimento imediato.

A partir do momento que as pessoas tomarem consciência de que são responsáveis pelo bem estar de toda a população, independentemente de estas serem deficientes ou não, só assim partiremos para uma sociedade mais justa e com menos desigualdade social. Quando os Direitos são garantidos de maneira comum à todas as pessoas ocorre o que denominamos democracia. Mas não apenas no sentido político da palavra, e sim, no sentido de humanidade, que deve ser o princípio para toda e qualquer ação desempenhada em uma sociedade.

Assim, este trabalho visou não somente a demonstração das dificuldades vividas por pessoas deficientes físicas e nem apenas a classificação das deficiências, e sim, "*objetivou mostrar a necessidade e a urgência de se tratar mais seriamente a questão.*"<sup>12</sup> Também, de demonstrar um fato contemporâneo que merece destaque, cabendo ao historiador estudá-lo, colher-lhe evidências, classificar e armazenar dados empíricos e relatos de testemunhas vivas, ou seja, que efetivamente façam parte do contexto histórico em questão.

Toda pessoa deve ser igualmente assistida pela sociedade, principalmente pelo fato desta ser integrante da mesma. Independentemente de como uma pessoa seja, no tocante às suas limitações, todas devem Ter resguardado o seu direito à sociabilidade, ao trabalho, à educação, à cultura, à vida.

Vida esta que deve ser alicerçada pela qualidade e não pela solicitação de auxílio imediato. É preciso medidas e não amenização. As pessoas deficientes físicas devem ser assistidas no sentido de ter suas dificuldades diminuídas, suas limitações superadas e, suas vidas facilitadas, pois é um direito que as cabe, e é um dever que nos confere.

---

<sup>12</sup> Manual de Acessibilidade . Aparu / 1999.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BIELER, Rosângela Berman (Org.). Ética e Legislação: Os Direitos das pessoas portadoras de deficiências no Brasil. Rotary Club, Rio de Janeiro: 1.990.
- CARMO, Apolônio Abadio do. Deficiência Física: a sociedade cria, recupera e discrimina. Secretaria do Desporto / Paraná: 1.991.
- SILVA, Idari Alves da. Breve Reflexão Sobre a Associação dos Paraplégicos de Uberlândia. Aparu: 1.979 – 1.989. ! Construção da História. Uberlândia: 1.994.
- AMARAL, Ligia Assumpção. Pensar a Diferença / Deficiência. Coordenadoria Nacional para Integração da pessoa portadora de deficiência: Cord. 1.994.
- ASSIS, Olney Queiros/ Lafaiete Pussoli. Pessoa Deficiente Direitos e Garantia / Direitos Constitucionais Trabalhistas/ Civis/ Tributários Previdenciários. S.P. Pioneira 1986.
- SILVA, Otto Marques da. A Epopéia Ignorada. A pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje. R.J. Ed. Agir, 1971